



RESENHA

CARLOS, Albino. *Caça às Bruxas*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2018. p. 198.

Greicy Bellin¹ e Larissa Bonacin²

CAÇA ÀS BRUXAS: A TRAGÉDIA DA SUPERSTIÇÃO

Um vilarejo assolado por fantasmas e aparições de zumbis em sangrentos rituais de feitiçaria levados a cabo por pessoas em busca de mais terras, riqueza e poder. Um cenário destruído pela guerra civil e marcado pela falta de perspectivas de uma população que, tomada pelo desespero e pelo pessimismo advindo de sua própria condição, recorre à prática sistemática de magia para resolver não apenas problemas financeiros, mas emocionais, existenciais e até mesmo, sexuais. Um contexto imerso na névoa do sobrenatural, do fantástico e do maravilhoso se revela em *Caça às bruxas*, de autoria do premiado escritor angolano Albino Carlos, publicado em 2018 pela União dos Escritores Angolanos, não lançado ainda no Brasil.

A literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa apresenta grande destaque nos últimos anos, como se pode observar no grande interesse pelas obras de Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Pepetela e Ana Paula Tavares, para citar exemplos mais famosos. Alguns escritores angolanos, contudo, continuam pouco explorados e pouco conhecidos pelo público e pela crítica brasileiros, entre eles Isabel Ferreira, Amélia Dalomba, Chó do Guri, Elsa Major e Albino Carlos, para citar apenas alguns. Aclamado com *Issunje*, coletânea de contos lançada em 2012 e laureada com o Prêmio Nacional de Cultura e Artes na categoria Literatura em 2014, e com *Olhar de Lua Cheia*, que recebeu o Prêmio de Literatura António Jacinto em 2006, Albino Carlos, doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Angolana de Letras, da União dos Escritores Angolanos e da Entidade de Regulação da Comunicação Social Angolana (ERCA), atuou por mais de trinta anos na imprensa angolana, tanto na Rádio Nacional de Angola quanto em jornais e revistas. Soma-se à

1 Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da UNIANDRADE. Pós-Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

2 Professora do curso de graduação em Letras do Centro Universitário Campos de Andrade, UNIANDRADE. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, UFPR.



atuação como jornalista o exercício da atividade política no Ministério da Comunicação Social, mais especificamente nos cargos de diretor geral do Centro de Formação de Jornalistas, diretor nacional de publicidade, assessor ministerial e diretor de gabinete, e adido de imprensa e cultura de Angola. É possível que ambas as atuações, somadas a um amplo e profundo conhecimento dos dilemas da alma do povo angolano, tenham conferido ao escritor a lucidez e o distanciamento necessários para narrar a história arrepiante e surpreendente de uma tragédia envolvendo feitiçaria e superstição popular ocorrida na província de Kuando Kubango, às margens do rio Kuito Kuanavale, em agosto de 2002.

Talvez esse seja o primeiro aspecto digno de atenção quando se principia a narrativa de *Caça às Bruxas*. Tem-se a impressão de se estar diante de uma história passada nos tempos bíblicos, reforçada não apenas pelos trechos da própria Bíblia citados ao longo do romance, mas pela atmosfera criada pelo subdesenvolvimento social da província que assistiria ao fuzilamento sumário de sete pessoas acusadas da prática chamada de *mayombola*, em que os espíritos das pessoas mortas ou sedadas em rituais de magia negra passariam a trabalhar nas terras de seus assassinos. Estes crimes eram motivados por diversas razões, desde o desejo por adquirir mais terras até a necessidade de resolução de dilemas afetivos experimentados entre casais e no interior das famílias. Tem-se, portanto, uma narrativa que transita entre o jornalismo e a literatura, o que se materializa na inserção de trechos retirados dos jornais angolanos com notícias relacionadas à prática dos rituais de feitiçaria. Observa-se, sob este aspecto, a dupla faceta do jornalista e do escritor, bem como o distanciamento crítico do próprio cidadão angolano que preza pelo seu país e que anseia por mudanças que envolvem não simplesmente a mentalidade de um povo descrente e combalido pela guerra civil, mas também o sistema judiciário e prisional de Angola, imersos em práticas equivocadas de julgamento envolvendo a questão da feitiçaria.

A narrativa prima pela intensidade e pela maestria com a linguagem, em ritmo onírico e delirante em que desfilam os principais personagens da tragédia da superstição, incluindo os sete feiticeiros do Kuito Kuanavale em todos os momentos do processo *kamutukuleni*, que culminou com o fuzilamento ordenado pelo governador Jorge Biwango. Tal fato suscitou amplos debates sobre a problemática social da feitiçaria atrelada às crenças populares, as quais teriam motivado a controversa decisão de fuzilamento em detrimento das disposições no código civil, conforme o trecho citado no final do romance:

O caso que está na origem deste processo ocorreu a 22 de agosto de 2002, quando oito camponeses foram fuzilados e atirados ao Rio Kuito nas imediações da povoação de Celua.

Os oito homens eram suspeitos da prática de feitiçaria, colocando pessoas por eles mortas a trabalhar nos seus campos de cultivo, facto que estava a provocar o pânico entre a população local, que se preparava para abandonar a região.

Por essa razão, o Rei decidiu transmitir os rumores ao então governador provincial que deu instruções para que fossem tomadas medidas para resolver a situação. (CARLOS, 2018, p. 155).

O escritor resgata o processo vinte anos após a sua ocorrência em tom de denúncia da decisão polêmica do governador, o qual foi juridicamente condenado pelo fuzilamento em 2005. A narrativa é permeada por ironia, revolta e por um humor que desestabiliza preconceitos e nos permite a entrada no universo sobrenatural da feitiçaria angolana, sem nunca deixar de apontar para o fato de que o verdadeiro feitiço existe dentro do próprio ser humano, reiterando, juntamente com esta percepção, o famoso adágio espanhol: “Não creio em bruxas, mas que existem, existem! Nós próprios é que possuímos o feitiço” (CARLOS, 2018, p. 17). Transitando entre o realismo fantástico e a narrativa de testemunho, Carlos nos revela o cotidiano opressor das classes menos desfavorecidas em um contexto dominado por certos regimes políticos, entre eles o comunismo, que parece conduzir ao estado de emergência ocasionado pelas práticas de feitiçaria em ritmo desenfreado e banalizado, a ponto de o próprio narrador afirmar que “a feitiçaria é o ópio do povo – remata o governador a dado passo, exibindo um manual do comunismo (...)” (CARLOS, 2018, p. 37). Na mesma página, uma notícia de jornal sinaliza para os níveis preocupantes das práticas nas províncias de Angola:

O recurso a feitiçaria está a atingir níveis preocupantes no município de Uku Seles, na província do Cuanza Sul, onde a igreja católica, está a desenvolver um programa de combate contra estas práticas (...) Na região de Uku Seles existem três tipos de feiticeiros a quem os habitantes locais recorrem, sendo um o curandeiro tradicional, que é chamado quando as pessoas estão doentes, outro que adivinha o futuro, a quem se recorre antes de tomar alguma decisão importante na vida, e o terceiro, que lança feitiços malignos. (CARLOS, 2018, p. 37).

Observa-se que costumes populares a princípio bastante singelos e até mesmo inofensivos se convertem em hábitos preocupantes e disseminadores do medo, levando a região do Kuito Kuanavale a um estado de calamidade pública anunciado em vários momentos importantes da narrativa, entre elas: a passagem de uma mulher bela e misteriosa que simboliza, metaforicamente, a própria feitiçaria, em uma possível reiteração da mentalidade patriarcal que percebe as mulheres como a fonte de todo o mal; os cantos fantasmagóricos das pessoas mortas nos rituais rumo ao trabalho nas lavouras, e que embalam a narrativa do início ao fim, estabelecendo um ritmo sobrenatural e obsedante; as tentativas de entrega da carta do presidente da província ao rei por meio de emissários enfeitiçados no meio do caminho, a qual acaba sendo feita por um nativo local, que encontra o rei em condições extremamente questionáveis de saneamento básico e em contato com doenças infectocontagiosas; o surgimento de Vindindo, o primeiro vampiro angolano, em trecho de um humor que transparece, também, na cena de prática de feitiçaria entre um homem e um gato humanizado; as múltiplas narrativas de fatos envolvendo acusações de feitiçaria direcionadas a crianças e idosos como forma de justificar a violência perpetrada em relação a estes grupos, violência esta, aliás, generalizada dentro de uma sociedade ainda muito presa ao arcaico, o que acaba por retardar o seu desenvolvimento social, cultural e econômico. Sobressai-se, ainda, a problemática do boato ou *mujimba* como querem

os angolanos, semelhante, guardadas as devidas proporções, à disseminação inadvertida de *fake news* que distorcem o conteúdo das notícias e auxiliam na propagação de falsos juízos de valor acerca dos fatos.

Outro aspecto que chama a atenção em *Caça às Bruxas* é a descrição de um ambiente que reflete não apenas um país, mas uma alma dilacerada pelos mais diversos problemas sociais:

Pelo percurso, apercebia-se sobre o estado da alma do país; um autêntico livro aberto que revelava a história da desgraça inscrita nos destroços e traços da guerra. Povoações dispersas e isoladas de cubatas de colmo. Grandes extensões de terra abandonadas ao deus-dará. Como plantações de batatas, do solo minas ainda espreitam a sua cabeça traiçoeira, perigosa e mortífera. (CARLOS, 2018, p. 51).

A existência de grandes extensões de terras abandonadas evidencia um problema agrário, em que a prática da *mayombola* visava à anexação destas mesmas terras por parte dos fazendeiros da região, deixando os camponeses largados à própria sorte e tornando-os alvos de acusações como a que é direcionada a Cavelho Congo, acusado de lançar mão da feitiçaria para causar a morte da filha de um fazendeiro que tentara tomar posse de suas propriedades. O recurso ao realismo fantástico pode ser interpretado, desta forma, como uma estratégia de denúncia da dominação econômica sofrida por estes pequenos proprietários, e dos desmandos daqueles que recorrem a energias sobrenaturais sob o pretexto de explorar pessoas mesmo após a sua morte. Outro aspecto que chama atenção é a já mencionada denúncia do precário sistema prisional do Kuito Kuanavale, bem como dos tratamentos aviltantes dispensados aos feiticeiros que, segundo sugere o narrador, seriam inocentes:

Os presos não tinham direito a nada, a não ser estar caladinhos, quietinhos e bem comportados, porque, senão, já sabes! (...) A esquadra era a prova provada de que o inferno existe, de facto; grassava a fome e a sede; a violência e a humilhação; atafalhada de gente, os percevejos e piolhos pastavam em carne viva; de noite, os rigores do cacimbo infiltravam-se pelas ranhuras das paredes e interstícios do teto fazendo os presos tiritar de frio até partir os dentes (CARLOS, 2018, p. 91).

A expressão “já sabes!” sinaliza outro aspecto relevante na narrativa de Albino Carlos: a maestria do uso da linguagem, permeada por recursos da oralidade, pelo diálogo com o leitor e pela utilização de expressões do vocabulário angolano como forma de expressar a realidade evocada na narrativa. Observa-se uma linguagem poética com várias metáforas visuais e diversas figuras de linguagem nos momentos em que a feitiçaria é descrita, metáforas estas potencializadas pelas sinestésias, como no trecho a seguir: “Um cheiro saboroso desprendia-se da terra quanto os garotos e as mulheres pisavam a lama e folhas apodrecidas” (CARLOS, 2018, p. 65). Aliterações e assonâncias, por sua vez, conferem musicalidade ao texto, buscando um paralelo com as canções pertencentes ao cancionário angolano: “[...] o céu tempestuoso

estrandava trovões e raios; tempestades de areia assobiavam os seus lamentos nos tectos das cubatas, nos capinzais secos e nas folhas das árvores” (CARLOS, 2018, p. 131).

A natureza aparece representada quase como um personagem, sempre descrita a partir de expressivas personificações, como na seguinte passagem:

A paisagem ofuscava-se pelos preguiçentos nevoeiros, as árvores lavavam a cara com o orvalho da madrugada e a luminosidade embaciada dos restos do cacimbo, ainda bravo no seu rigor, rociava tudo e todos, adensando o aspecto misterioso do dia. Ao longe, ouvia-se o murmúrio cantante, almas penadas se revezando, cantos dolentes amortecidos pelo nevoeiro cacimboso (CARLOS, 2018, p. 61).

Além de permeada por inúmeras prosopopeias, a natureza acaba por estabelecer uma relação simbiótica com a população de Kuito Kanavale, conforme o seguinte trecho: “Naquele dia, a luz da manhã estava revestida de penumbra leitosa. O dia achava-se cinzento; as pessoas, trombudadas como o tempo, olhares vazios e passos ao acaso; a natureza, muda e quieta; [...]” (CARLOS, 2018, p. 139). Essa relação sofre uma gradação ao longo da narrativa até a total conexão da natureza com o povoado: “De longe, as montanhas são tristonhas e pequenas, miniaturas parecem são pessoas, cobrindo com véus cacimbosos os rostos tristes das viúvas desoladas” (CARLOS, 2018, p. 168).

Observa-se, ainda, a criação de neologismos, como “desconseguindo” (p. 97); “proverbiar” (p. 97); “sabular” (p. 98); “mangonhamente” (p. 112), o que faz o leitor brasileiro recordar de um dos mais famosos escritores de nossa literatura: Guimarães Rosa. Em alguns momentos, Carlos também se utiliza de uma linguagem simbolista, como podemos perceber do seguinte excerto:

Dentro do cubículo, a mesma cortina de fumo e o vulto do mesmo homem que pesadamente se recorta através das nuvens fumarentas e a mesma voz cavernosa do homem esfarrapado, o rosto coberto pela neblina, a cabeça esbranquiçada e a longa barbicha de bode. O mesmo cachimbo enfiado na mesma boca (CARLOS, 2018, p. 127).

O que o romance revela, ao fim e ao cabo, é a maestria no uso da linguagem e seu papel na criação do ambiente misterioso e sobrenatural representado na narrativa, mimetizando a atmosfera de sonho, loucura, superstição e morte que precipita, cada vez mais, todo um povo rumo à decadência. Tal maestria remete, acima de tudo, ao próprio escritor como feiticeiro e artífice da linguagem, o que faz com que *Caça às bruxas* seja, enquanto obra literária, pura feitiçaria não por levar à destruição, como acontece no Kuito Kuanavale, mas por causar profundo e perene encantamento em seu leitor.